

# gaza

## VESTIR ROUPA NOVA

Este ano foi alcançada em muitos hectares de terra do Complexo Agro-Industrial de Limpopo, na província de Gaza, a média de 50 toneladas de tomate por hectare.

Compreender a razão desta média passa necessariamente por compreender a organização que existe naquela empresa estatal, compreender a consciência e os métodos de trabalho que têm e aplicam os trabalhadores— agora em número de muitos milhares.

O exemplo da média alcançada na produção de tomate é um. Há muitos outros que poderão ser tomados.





*A organização dos trabalhadores do Complexo Agro-Industrial de Limpopo permitiu que se alcançassem altas médias na produção agrícola. Na foto, um campo de batata. Estava-se a sacar e a pulverizar com o tractor.*

Uma roupa remendada está sempre a ameaçar deixar-nos ficar mal. Pode-se mudar o remendo, pode-se prever que aqui a camisa vai rasgar, e por isso põe-se já um remendo. Mas, a gente dobra-se, faz mais um pouco de força, e rasga-se onde nunca pensámos que

se ia rasgar. É coisa remendada, e como tal, não oferece segurança.

O exemplo que damos veio-nos à ideia a propósito do Complexo Agro-Industrial do Limpopo (aqui lo que era a Machamba Estatal do Limpopo). Dizemos isto por

que no ano passado vimos que ainda funcionava a Empresa Estatal com remendos: tractores abandonados, problemas de administração, problemas entre os trabalhadores, problemas de salários, problemas de transportes de produtos e de trabalhadores, etc. Era

parecia, fazia lembrar, uma camisa que cobria o peito forte, e os braços musculosos de um trabalhador, com remendos.

Agora, há pouco tempo, acompanhámos um historiador americano a visitar as Aldeias Comuns construídas em Gaza depois das cheias deste ano. Quando chegámos a Chókwé fomos visitar em seguida aquilo que agora é o Complexo Agro-Industrial (agro pelas machambas enormes, industrial pelas várias fábricas de transformação dos produtos agrícolas).

O homem que nos acompanhava conhecia a história do povo, a sua luta. Mas, aldeias comunais era a primeira vez, e no fim do programa constava a visita aos campos agrícolas do Complexo. Quando viu a batata, o arroz que ainda faltava apanhar, quando viu os campos de tomate, cebola e alho o americano ficou admirado.

É que no dia anterior tinha visitado a Cooperativa Agrícola Heróis Moçambicanos e ali os cooperativistas perguntaram-lhe pela vida, as condições de vida e trabalho, dos operários e camponeses americanos. Ele respondeu. Eles também responderam: «afinal na América é o país dos Oppenheims» (...) *passa-nos muito o povo americano em ser explorado*» como comentou o Vive-Presidente da Cooperativa, Vasco Cuba. Ele conhece os super-capitalistas como Oppenheimer, porque trabalhou nas suas minas de ouro da África do Sul — Vasco Cuba trabalhou tal centenas de outros cooperativistas e trabalhadores do Complexo do Limpopo trabalharam, nas minas: conhecem a exploração capitalista, foram por ela explorados quer nas minas do John, quer nas machambas dos colonos e «contratados» do Limpopo.

E, os trabalhadores esforçaram-se por mostrar a este americano que vinha ver o seu trabalho, o que tinham sido capazes de executar. Quando ele viu os campos, quando soube como estavam organizados os trabalhadores, e os cooperativistas, finalmente quando soube, num belo campo de tomate, qual era a média de produção por hectare, ele disse, *«isto parece as «chambas» dos grandes latifundiários dos Estados Unidos. Cinquenta toneladas*

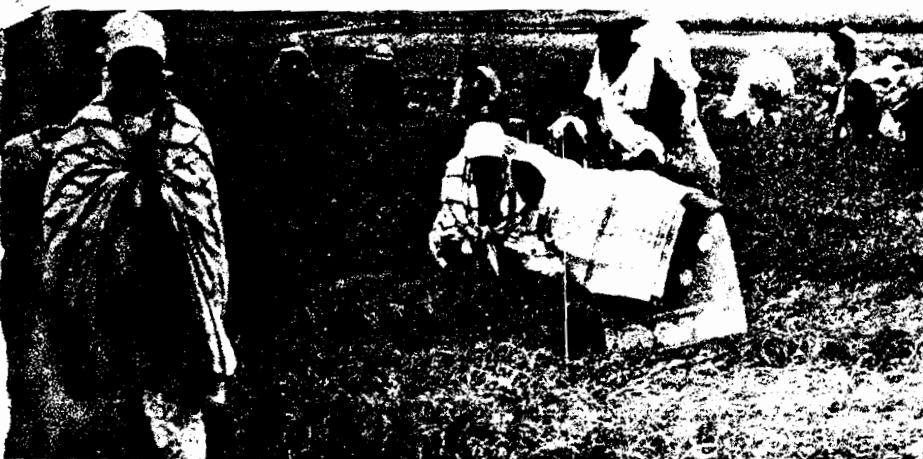
Área	Produção
MAP-35-35	avariada
MAP-36-27	13
MAP-36-04	13
MAP-36-35	avariada
MAP-36-37	13
MAP-36-42	13
MAP-35-83	13
MAP-36-45	13
MAP-36-13	13
MAP-36-09	avariada
MAP-36-91	avariada
400	
375	
355	

Quadro de produção de uma das filiais do Complexo.

Este quadro indica as áreas lavradas diariamente, as máquinas avariadas, e os campos a lavar e lavrados. Ao lado, um tractorista faz a manutenção da sua máquina. Deste trabalho depende a produção e produtividade. Dependem as populações que precisam de comida.







de tomate por hectare?!... *Fiuii*» (e assobiava).

### NAO É SÓ PRODUIR

Dizer que se produz 50 toneladas de tomate por hectare não é nada. Não é nem sequer significativo. Isto, porque muitos colonos, muitos capitalistas são capazes de o fazer, e até ultrapassam. Mas dizer que esta média de produção foi alcançada pela organização dos trabalhadores em apenas dois anos, isso já é importante e significativo.

Significativo porque corresponde à tomada de consciência pelos trabalhadores do Complexo Agro-industrial, e porque corresponde à mudança ao nível da sua organização no trabalho. A manifestação destes aspectos pudemos verificá-la até em pequenos pormenores. Por exemplo, o quadro que vimos na oficina dos tractores, onde diariamente é apontado quanto falta um tractor e o tractorista; se está avariado; e o número total de hectares lavrados pelo conjunto de todos os tractoristas daquela Brigada. O quadro em si é um pormenor. A volta dele estão os trabalhadores debruçados sobre a máquina, vendo como está, se pode trabalhar, o que precisa, se tem combustível, etc. Parecem mães em volta dos seus filhos. Não é bem isso: mostra que estes trabalhadores têm consciência de que, da manutenção que eles fizerem à máquina depende a produção da empresa, depende o seu próprio emprego, dependem as suas famílias, dependem as populações que necessitam de comer arroz, batata, cebola, tomate, dependem os operários que produzem ou transformam produtos que lhes são necessários como a roupa, a farinha, etc.

Técnico cooperante mostra-nos um tomateiro entre tantos: 238 tomates em formação e muitas flores ainda. Em muitos hectares foi alcançada a média de 50 toneladas por hectare»



Ao lado: A participação das mulheres é muito grande. No trabalho, na produção ganham a consciência de lutar pela sua emancipação: têm lutado por alcançar os mesmos direitos no trabalho que os homens. Na foto um campo de cebola.

São cerca de sete mil trabalhadores que no ano 76/77 produziram para o Complexo de Limpopo três mil dos quais são trabalhadores permanentes). Para o ano agrícola 77/78 que acaba de se iniciar trabalharão — espera-se — um total de 17 mil trabalhadores. Isto representa que mais de 60 mil pessoas virão a beneficiar dos postos de trabalho criados no Complexo de Limpopo.

Mas estão organizados: existem 4 filiais de toda a empresa estatal e cada uma destas filiais têm de 3 a 5 Brigadas. Cada Brigada por sua vez está dividida em quatro cinco ou seis equipas com 10 a 30 trabalhadores cada uma. Isto é a estrutura permanente, havendo na altura das colheitas de arroz ou de outra cultura mais trabalhadores e portanto mais brigadas, e mais equipas.

Os chefes de cada um destes sectores é eleito pelos trabalhadores em reunião. «Se a Direcção comete erros é criticada para corrigir essas faltas, fazendo-se propostas para tal, como nos dizia um responsável».

Soubemos que a questão da orientação dos responsáveis, os métodos de trabalho que aplicam a cada equipa ou brigada, são muito discutidos e constantemente analisados. No caso de uma equipa constituída na sua maioria por mulheres deu-se um caso que opôs os trabalhadores ao chefe. Este responsável além de ser um pequeno ditador como chefe, utilizava métodos de trabalho bastante duros em relação às mulheres e além disso fora e nas horas de trabalho, fazia-lhes provocações querendo afirmar que elas eram inferiores.

Ao princípio o chefe foi contando com a ausência de crítica dos outros homens, mas depois de várias reuniões as mulheres conseguiram ganhar os seus camaradas contra os métodos de trabalho do chefe. O caso acabou com a expulsão daquele responsável da chefia exigindo as mulheres que ele «não devia ser expulso do trabalho, mas sim devia fazer o mesmo trabalho que elas para que aprendesse como o trabalho que faziam era duro». Noutros casos,

a forma de resolução destas contradições provocadas por métodos de trabalho errados foram resolvidas de maneira mais severa. Alguns chefes que *«gostavam de mandar e não trabalhavam, mas continuavam a dividir os trabalhadores, acabaram sendo batidos pelos trabalhadores»*.

Vimos vários campos de batata, cebola, arroz e tomate. Em nenhum pudemos distinguir quem era o chefe da equipa, porque todos estavam curvados de enxada, ou de mãos para a terra cultivada.

Por outro lado, soubemos que tinham sido constituídos os Conselhos de Produção ao nível do Complexo e que, uma semana depois de estarem organizados, verificou-se um progressivo aumento de produtividade. É certo que isto não aconteceu em todos os sectores, mas em um bom número deles: as áreas lavradas cresceram rapidamente, a apanha do tomate e batata também tinha aumentado, a plantação de tomateiros também ganhou maior ritmo.

#### NOVA ROUPA

A roupa sem remendos já se vê. Está ali na própria alimentação dos trabalhadores mastigando tomates maduros — tomates que não comiam anteriormente —; está ali nas novas relações de trabalho; está ali na organização dos trabalhadores em volta das estruturas do Complexo; está ali nas novas condições de vida que estão sendo criadas — cooperativas de consumo e lojas do povo a abrir com roupa e comida —; está na Aldeia Comunal 1.º de Maio perto de Chókwé — que me-

thorou a vida encurtou a distância do caminho para o local de trabalho; fundamentalmente, está na mentalidade nova que os trabalhadores demonstram quando criticam os seus chefes ou colegas, quando tratam das máquinas, quando impõem qualidade no seu trabalho.

Alguns aspectos verificados durante o passado ano agrícola 76/77 ilustram bem a imagem que damos.

Este ano as cheias deitaram abaixo mais de mil e 200 hectares de arroz. Isto aconteceu em Março deste ano. Esperava-se pois que a meta que tinha sido fornecida à empresa não fosse alcançada: eram 103 mil contos de produtos que se esperava arrancar da terra. Depois das cheias alteraram-se os planos da produção e nos campos destruídos pelas águas plantou-se tomate, cebola, batata.

Em vez de 100 hectares de cebola foram feitos 300. Em vez de 100 hectares de tomate foram feitos muito mais. Como resultado, a meta dos 103 mil contos, esperase, será atingida. Como resultado, todas as fábricas de transformação do tomate em calda atingiram o máximo da produção. Como o disse o Presidente Samora numa entrevista em Nova York à «África News»: *«uma fábrica de enlatamento que nunca chegou a trabalhar mais de dois meses por ano na província de Gaza, este ano estará em funcionamento por cerca de seis meses»*.

Atingiu-se a produção de 50 toneladas de tomate por hectare em muitos campos, em dezenas de hectares.

Para o ano estão a ser semeadas cerca de mil e 500 toneladas de arroz. *«No próximo ano a previsão é de 30 mil toneladas de arroz, e com o apoio poder-se-ão facilmente atingir as 40 mil toneladas»*.

É certo que estes níveis não se devem somente às técnicas utilizadas, ou ao apoio técnico, ou ainda à utilização das máquinas. A resposta para esta situação veio fundamentalmente dos trabalhadores. Veio com a experiência da luta por métodos correctos de trabalho, veio também com a experiência dos métodos de trabalho que conheciam dos exploradores latifundiários.

A roupa nova que vestiram foi a Luta para tomarem a direcção do processo de produção guiados pelo Partido — só assim se compreende que tantos chefes tenham sido depurados, que novas estruturas tenham sido criadas, que medidas fossem postas em execução: por exemplo no Chibuto vimos o quilo de batata a 12 escudos e cinquenta... *«nós vendemos a 9 escudos»*. *«Estão-se a organizar a abertura de cantinas para abastecer os trabalhadores em alimentos e roupa, a preços baixos e justos»*.

Era bom para muitos trabalhadores, e principalmente para tantos dos nossos funcionários, irem ao Complexo Agro-Industrial, ver aqueles tractores, a forma como os trabalhadores os tratam, e os usam. São cento e cinquenta tractores que fizeram uma campanha trabalhando tantas vezes dia e noite. Parecem novos. Estão bem estimados.

## COMPLEXO AGRO-INDUSTRIAL DE LIMPOPO

Aquilo que hoje se chama Complexo Agro-Industrial corresponde ao que era anteriormente a Machamba Estatal de Limpopo, na província de Gaza. Este complexo foi organizado a partir de machambas abandonadas por colonos, e máquinas abandonadas. A sua área inicial era de 4 mil hectares.

Este ano a superfície agrícola deste Complexo de Limpopo foi aumentada até cerca de 14 mil hectares. Isto deveu-se ao abandono de muitas terras por ex-contratados que entre ficarem toda a vida endividados, entre não terem trabalhadores — que se alistavam em massa na empresa estatal — entre terem

de enfrentar a organização dos explorados, preferiram empregar-se no Complexo, ou então tornarem-se membros das Cooperativas de produção agrícola. Uma grande parte das actuais terras da empresa resultou de um reordenamento efectuado pelo governo, por se verificar que com a fuga dos colonos uma quantidade de novos exploradores tomaram e ocuparam as terras sem as aproveitarem.

Com a nova área agrícola o Complexo Agro-Industrial dará trabalho — é uma estimativa —, na época das colheitas, a cerca de 17 mil trabalhadores. O ordenado mínimo é de 50 escudos. No

entanto, quando se *«trabalha à tarefa há trabalhadores que chegam a atingir os 70 ou 80 escudos diários no mínimo»*.

Para além da parte agrícola o Complexo de Limpopo conta com 6 fábricas: uma de conservas de tomate, uma de descasque de arroz, uma de lacticínios, uma de hidratação de legumes, uma serração e uma salsicharia. Tem ainda o ramo pecuário constituído por 7 mil vacas leiteiras e 16 mil cabeças de abate.

Estará brevemente em fase de construção um novo regadio que aumentará a área agrícola até aos 30 mil hectares.